

Resenhas

discurso 43

Kant, Crítica da razão pura

Tradução Fernando Costa Mattos

Petrópolis: Vozes, 2012

Luciano Codato

Professor de filosofia da EFLCH, Universidade Federal de São Paulo

A *Crítica da razão pura* tem nova tradução em português¹. Proeza de Fernando Costa Mattos, o feito vem somar-se à tradução de Valério Rohden e Udo Moosburger (Abril, 1974¹) e à tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão (Calouste-Gulbekian, 1985¹). Costa Mattos apresenta o texto da primeira e da segunda edições da *Crítica da razão pura* (1781 = A; 1787 = B), procurando conciliar a fluência no português de Santos/Morujão com a proximidade ao alemão de Rohden/Moosburger. Na diagramação do texto, ganha destaque a edição B, única traduzida por Rohden/Moosburger (Santos/Morujão também apresentam A e B). O êxito do trabalho poderá ser confirmado nos próximos anos, tanto nas referências bibliográficas como nas salas de aula e reedições. O benefício é do leitor, que desde já dispõe de mais uma tradução para comparar com as demais e cotejá-las com o texto de Kant.

O trabalho, apesar de sua dimensão, não foi feito em décadas, nem consumiu anos de pesquisa, como a tradução de *Ser e tempo* recentemente publicada por Fausto Castilho (Unicamp, 2012). Ao escasso prazo de quinze meses definido pela editora, Costa

¹ Esta resenha teve o privilégio de ser criticada por seus primeiros leitores: Marília Espírito Santo, Paulo Licht, José Arthur Giannotti, Marcio Sattin, João Geraldo Martins da Cunha, Diego Trevisan e Ricardo Terra.

Mattos respondeu com desculpável atraso – de dois meses. Em compensação, o trabalho teve à disposição duas novas traduções da *Crítica da razão pura* em línguas neolatinas, a de Mario Caimi para o espanhol (Colihue, 2007¹; FCE, 2009²) e a de Costantino Esposito para o italiano (Bompiani, 2004³, 2007²). Um colóquio na USP em 2011 permitiu a Costa Mattos discutir questões terminológicas, estruturas sintáticas e problemas de interpretação com Esposito e Caimi. Devotado à obra de Kant há décadas, Caimi é tradutor dos *Prolegômenos*, *d’Os progressos da metafísica*, da *Resposta a Eberhard* e da *Metafísica de Dohna*. Sua tradução da *Crítica da razão pura* foi feita em dez anos. Recorde-se que o latim foi a primeira língua em que se traduziu a *Crítica da razão pura* (1796), podendo-se recorrer ao trabalho de Friedrich Gottlob Born para eventuais aproximações entre o português e o alemão.

Os critérios de Costa Mattos são equilibrados e recomendáveis: “um dos grandes desafios do tradutor é estabelecer um texto que, sem perder fidelidade à língua de origem, consiga fazer-se ao mesmo tempo preciso e palatável na língua de chegada. (...) Procurei não ser tão estrito na uniformização de certas palavras, de modo a ter sensibilidade para o contexto em que se inscrevem, e busquei contornar as dificuldades (...) típicas do texto kantiano – como as frases excessivamente longas – com recursos pouco invasivos, mas capazes de assegurar a legibilidade, no português, de certas passagens mais complicadas”. O glossário ao final do volume resume as principais opções terminológicas e facilita a comparação com as escolhas dos demais tradutores. Esse vocabulário resulta, em grande parte, da colaboração com o Grupo de Traduções Kantianas, dedicado aos textos práticos de Kant (*Metafísica dos costumes*, *Reflexões* e *Lições sobre moral, direito, política e história*) e composto por Ricardo Terra, Maurício Keinert, Monique Hulshof, Bruno Nadai, Nathalie Bressiani e Diego Trevisan.

O legado da tradição é apropriado pelos mais diversos estilos de pesquisa e isso tem consequências na tradução de textos filosóficos. O lançamento da nova tradução foi precedido por uma dis-

cussão cujo título, “Atualidade da *Crítica da razão pura*”², deixa entrever a predileção temática do Grupo e a perspectiva teórica do tradutor. No que diz respeito a Costa Mattos, o interesse pela questão do “pensamento pós-metafísico”, a partir da discussão entre Dieter Henrich e Jürgen Habermas nos anos oitenta, re-encontra em Kant uma de suas fontes. E como não apenas Kant, mas todo clássico, é muitas vezes valorizado por sua “atualidade”, parece prudente contrastar essa estima, por exemplo, com o depoimento de Gérard Lebrun: “Acredito que a melhor homenagem que podemos prestar aos pensadores clássicos é lê-los e compreendê-los, compreendendo ao mesmo tempo por que, hoje, não podemos mais ser nem aristotélicos nem cartesianos nem kantianos nem marxistas como teríamos sido na época em que esses autores viviam”³. Embora também desconfie da “atualidade” dos clássicos, é dispensável insistir em que sentido, segundo José Arthur Giannotti, o conceito kantiano de razão é insuficiente diante dos problemas contemporâneos da ética e da política.⁴ Nenhuma tradução, por mais fiel, precisa e fluente, jamais alcançará consenso em suas opções terminológicas. Importa que sejam justificáveis e possam iluminar aspectos semânticos deixados à sombra por outras escolhas. Em relação a termos que, na obra de Kant, costumam variar no vernáculo, Costa Mattos decidiu,

2 Mesa-redonda com Ricardo Terra e Monique Hulshof. Disponível na internet (acesso em 10 de maio de 2013): <<https://plus.google.com/u/0/photos/105786252202749182435/albums/5757077410732034193>>.

3 *Sobre Kant*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho e outros. SP: Iluminuras, 1993, p. 35 (“O papel do espaço na elaboração do pensamento de Kant”).

4 Cf. Lições de Giannotti sobre lógica e ontologia. *Cadernos de Filosofia Alemã*, n. 17 (2011). Em benefício do contraditório, registre-se a diferença observada pelo Prof. Ricardo Terra: “A perspectiva filosófica que anima o Grupo de Traduções Kantianas não é a da ‘atualidade’, e sim a da ‘atualização’ – o que é muito diferente. Da mesma forma que Lebrun não é nietzschiano nem Giannotti é wittgensteiniano, eles atualizam Nietzsche e Wittgenstein. Daí o que importa é a amplitude do enfrentamento dos problemas contemporâneos da ética e da política pela atualização do kantismo por Rawls ou por Habermas. A crítica lógica da razão kantiana tem pouco alcance filosófico se ela não consegue atingir a imensa fecundidade das filosofias que atualizam Kant”.

por exemplo, verter *Mannigfaltige* por “diverso” (como Santos/Morujão), e não “múltiplo” (como Rohden/Moosburger), dando à expressão sentido mais qualitativo que quantitativo – algo longe de ser ponto pacífico. A palavra *Schein* é traduzida por “ilusão”, e não “aparência” (nem “aparência ilusória”, como propõe Caimi). *Beschaffenheit* aparece como “constituição” ou “propriedade constitutiva” (e não “qualidade”, como traduz Arthur Morão, tampouco “feito”, “feição” ou “índole”, como escolhe Rubens Rodrigues Torres Filho). Conforme o contexto, *Beziehung* ocorre ora como “relação”, ora como “referência”, decisão perfeitamente razoável, dependente da interpretação do tradutor (Torres Filho traduz por “proporção” na *Crítica do Juízo*).

Quanto aos substantivos que costumam dar trabalho em quase todo idioma, *Einsicht* aparece como “discernimento” ou “compreensão” (“perspicácia”, solução de Antonio Marques e Valério Rohden na *Crítica da faculdade do juízo*, não foi adotada). A exemplo de Santos/Morujão e Rohden/Moosburger, o controverso termo *Verbindung*, que traduz o latim *conjunctio*, aparece como “ligação” (Torres Filho traduz por “vinculação”; Caimi, por “enlace”; Guyer/Wood, “combination”; Tremesaygues/Pacaud, “synthèse”). “Mente”, e não “ânimo” ou “espírito”, substitui *Gemüt* (como Torres Filho e Caimi). “Conformidade a fins”, e não “finalidade”, substitui *Zweckmässigkeit* (como Marques/Rohden). A palavra *Inbegriff* é traduzida por “conjunto completo” (Born poderia sugerir “complexo”). No caso da palavra “objeto”, quando se trata de sentidos diferentes, a tradução indica entre parênteses os termos *Gegenstand* ou *Objekt*. Útil ao leitor, o mesmo procedimento convém à tradução de *Erscheinung* e *Phänomenon* por “fenômeno”.

Dentre o sem-número de frases alemãs cujo sentido gramatical permite mais de uma interpretação, é digna de nota, por exemplo, a sentença que abre a *Estética Transcendental* (§ 1): “Quaisquer que sejam o modo ou os meios pelos quais um conhecimento se relaciona aos objetos, aquele pelo qual se relaciona

imediatamente a eles, e a que todo pensamento como meio se dirige, é a *intuição*”⁵. A exemplo de Rohden/Moosbuger e Santos/Moruão (também Guyer/Wood), Costa Mattos entende o pensamento como meio e a intuição como fim, de acordo, aliás, com a leitura de Heidegger, que chama atenção à passagem para mostrar as opções interpretativas sobre o fundamento predicativo ou antepredicativo da racionalidade. Escolha oposta encontra-se nas traduções de Tremesaygues/Pacaud e de Caimi: “*Cualesquiera sean la manera y los medios por los que un conocimiento se refiera a objetos, aquella [manera] por la cual se refiere a ellos inmediatamente, y que todo pensar busca como medio, es la intuición.*”

Não são novidade variações na letra de Kant em português e, ao motivar discussões conceituais, a diversidade tende a ser benéfica. Se divergências são inevitáveis, por que não admitir que o sejam algumas ponderações? Com a devida licença, é de notar que o termo *Vermögen* foi, como de costume, traduzido por “faculdade” (*facultas* em latim), e tanto *Vermögen zu urteilen* como *Urteilkraft* aparecem como “faculdade de julgar”. O problema é que, segundo Kant, as operações do *Vermögen zu urteilen* (“poder de julgar”, talvez?) são indissociáveis das leis lógicas, ao passo que a lógica não prescreve leis à *Urteilkraft* (“faculdade do juízo”, segundo Marques/Rohden; “Juízo”, segundo Torres Filho). Sempre com intuito construtivo, também é dever observar que a tradução de *Deutlichkeit* por “clareza”, e não “distinção” (às vezes, “evidência”), poderia ser mais exata (claro opõe-se a obscuro; distinto, a confuso). Essa terminologia não é secundária, antes diz respeito à caracterização do método da filosofia, de modo que convém atentar a outras escolhas no capítulo sobre a Disciplina (por exemplo, *Ausführlichkeit* por “completude”).

“O trabalho de tradução é sempre infernal”, testemunha Cai-

⁵ *Auf welche Art und durch welche Mittel sich auch immer eine Erkenntnis auf Gegenstände beziehen mag, es ist doch diejenige, wodurch sie sich auf dieselbe unmittelbar bezieht, und worauf alles Denken als Mittel abzweckt, die Anschauung* (A 19/B 33).

mi, “nele não se pode relaxar jamais”⁶. A tradução de Costa Mattos é previdente ao recusar transposições automáticas entre o alemão e o português. Essa renúncia à rigidez pode ser aplicada também ao termo *Erkenntnis*, traduzido sempre por “conhecimento”, apesar de muitas vezes ter o sentido apenas de “cognição”. Nesse caso, a definição do juízo, na Dedução Transcendental (§ 19), poderia dar outra sorte a *gegebenen Erkenntnisse*, em vez de “determinados conhecimentos”, sobretudo porque aí o adjetivo é relevante (“conhecimentos dados”, “cognições dadas?”), além de ser ela mesma estratégica no argumento da edição B. A tradução de *Merkmal* (cujo correspondente latino é *nota*) por “característica” talvez não seja bastante satisfatória para designar a noção kantiana de conceito, e “marca característica” é uma opção que há de soar melhor. Ao reiterar as dificuldades do texto de Kant, tais observações não fazem senão registrar o denodo de Costa Mattos, além de recordar a confissão de Rubens Rodrigues Torres Filho (meio à maneira de Riobaldo): “traduzir é doloroso”⁷.

Pode-se discordar das opções dos tradutores mais exímios, como Torres Filho, mas não se devem esquecer algumas de suas indicações: escolher o que fique menos rebarbativo em português, encontrar o caminho médio entre a literalidade bruta e o texto viável, não procurar suavidade ou musicalidade por si mesmas.⁸ Costa Mattos é ótimo na escolha da ordem das palavras, surte bom efeito estilístico. Quando a flexão verbal não deixa dúvidas, também os pronomes pessoais poderiam ser omitidos. O mesmo vale para pronomes demonstrativos precedidos por artigos, que, na maioria das vezes, são dispensáveis. O resultado na “língua de chegada” pode, sem muito esforço, tornar-se ainda melhor. É verdade que a elegância estilística não deve preponderar

6 Entrevista de Mario Caimi a Bruno Nadai e Monique Hulshof. *Cadernos de Filosofia Alemã*, n. 16 (2010), p. 134.

7 “Filosofia alemã e tradução”: entrevista de Rubens Rodrigues Torres Filho a Marcio Sattin. *Cadernos de Filosofia Alemã*, n. 1 (1996), p. 74.

8 Cf. “Filosofia alemã e tradução”.

sobre a precisão escolástica, tal parece ter sido a recomendação de Kant a Born, mas ambas não são excludentes. À má-fama de Kant como escritor, Torres Filho responde ao analisar uma passagem do segundo prefácio cujo refinamento filológico é de surpreender letrados de fardão.⁹

O tradutor reconhece que teria sido necessário mais tempo para enfrentar o desafio, mostrando-se aberto a sugestões dos leitores. A editora concedeu somente um mês à revisão, infelizmente, para poder lançar o livro no início do semestre letivo. Mas a disparidade das exigências do mercado e da academia também tem custos. Nas partes da *Crítica da razão pura* que dizem respeito à ontologia, a opção de Costa Mattos por “realidade”, tanto para *Realität* como para *Wirklichkeit*, pode soar equivocada (Heidegger explora a diferença conceitual na conferência “A tese de Kant sobre o ser”). A escolha de “produto do pensamento” para *Gedankending*, correta no sentido, põe a perder o termo “coisa” e, mesmo ao optar-se por tal omissão, talvez fosse preferível “ente de razão”, de acordo com a respectiva expressão latina. Uma das figuras que pode assumir a coisa em si, como númeno positivo, é justamente a de *Gedankending*. Na medida em que a *Crítica da razão pura* toma posição diante da ontologia preponderante nos séculos XVII e XVIII, é compreensível que se possa perder de vista essa problemática, quando se vai buscar em Kant sua influência nos séculos XX e XXI. Talvez o trabalho de Esposito, que também traduziu Suárez, possa ser proveitoso em uma revisão. Há momentos em que, apesar de *aggiornato*, Kant ainda estará mais próximo de Hannover ou Halle que de Frankfurt.

O porte do texto dificulta por exigir do tradutor multidisciplinaridade. Se alguns especialistas quiserem dar sua própria versão da letra de Kant, isso não deve ser entendido como demérito ao

9 Cf. Dogmatismo e antidogmatismo: Kant na sala de aula. *Ensaios de filosofia ilustrada*. SP: Iluminuras, 2004² (edição ampliada). Publicado também nos *Cadernos de Filosofia Alemã*, n. 7, 2001.

trabalho notável de Costa Mattos. Nas passagens de teor lógico, cumpre observar que a fórmula kantiana do princípio de não contradição mereceria mais carinho. Não parece aconselhável manter nas reedições: “nenhum predicado que contradiga uma coisa pode aderir a ela” (*Keinem Dinge kommt ein Prädikat zu, welches ihm widerspricht*). A fim de evitar que se atribua caráter produtivo ao juízo analítico, tampouco se recomenda insistir na solução: “No juízo analítico eu permaneço no conceito dado, para produzir algo a partir dele” (*Im analytischen Urtheile bleibe ich bei dem gegebenen Begriffe, um etwas von ihm auszumachen*). O verbo *ausmachen* tem aqui o sentido de “concluir”, visto que se deduz da noção do sujeito um de seus predicados. Traduzir *Umfang* por “alcance”, em ocorrências com sentido técnico (“extensão”), é outro deslize a ser retificado. Merecem atenção especial os verbos *widersprechen* (“contradizer”, e não “opor-se”) e *zukommen* (“convir”, e não “corresponder”), juntamente com o advérbio *allgemein* (“universalmente”, e não “em geral”), na passagem da Anfibologia que trata dos fundamentos do “sistema intelectual de Leibniz inteiro” (A 281/B 337). Do contrário, o argumento de Kant fica incompreensível.

Esposito publicou uma segunda edição, “revista e corrigida”, de sua tradução para o italiano. Diversos tradutores dispõem-se a voltar às fontes e o trabalho de Santos/Morujão expõe seu incabamento com honestidade que só pode ser admirada: “Temos consciência das carências da tradução apresentada e esperamos melhorá-la em futuras edições”. Henry Allison refez inteiramente sua tradução da *Resposta a Eberhard* (Johns Hopkins, 1973; Cambridge, 2002) e não deixa outra lição: “A presente tradução é uma revisão integral da minha primeira... Em minha revisão, tive grande assistência de meu coeditor, Peter Heath, que me alertou para inúmeros erros”. A tradução das *Cartas* de Schiller *sobre a educação estética do homem*, feita por Roberto Schwarz nos anos sessenta, foi mais tarde remodelada por Márcio Suzuki a partir das traduções de Kant e dos pós-kantianos por Torres Filho. Dentre

os peritos literários, Boris Schneiderman reelaborou algumas de suas traduções pioneiras de escritores russos. Pleno domínio do melhor português possível talvez seja tarefa infinita e um Modesto Carone não esconde que reescreve várias vezes a mesma passagem de Kafka. Por que não seguir esses exemplos, ainda mais em um texto cuja recepção teve que pedir socorro aos *Prolegômenos* e, já no final do séc. XVIII, mostrou-se acidentada e polêmica?

Para ficar nas traduções brasileiras da obra de Kant, prometem ser revistas e melhoradas, em uma segunda edição da coletânea de *Escritos pré-críticos* (Unesp, 2005), ao menos a *Dissertação de 70*, a *Investigação sobre a evidência* e *A falsa sutileza*. Que Costa Mattos possa fazer dos meandros da *Crítica da razão pura* seu objeto de pesquisa e a editora Vozes apoie a decisão do tradutor-filósofo, é outra prova do admirável serviço que prestaram à filosofia no Brasil. Tem razão quem repara que uma nova tradução da *Crítica da razão pura* seria um acontecimento em qualquer país. A façanha de Costa Mattos contrasta, na verdade, com a indigência de sua acolhida. Não é significativo que, apesar da massiva divulgação da filosofia e da enxurrada de publicações, um trabalho dessa envergadura e com tantos méritos não tenha tido, até então, uma só resenha?